

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS

**JOSÉ APARECIDO RIBEIRO**

**Pecuária: histórico e reflexões sobre os impactos gerados pela atividade no  
Território Indígena Xakriabá, Minas Gerais - Brasil**

**Orientador:** Francisco Ângelo Coutinho

**Co-orientadora:** Rebeca Cássia Andrade

Belo Horizonte - MG

Maio de 2019

**José Aparecido Ribeiro**

**Pecuária: histórico e reflexões sobre os impactos gerados pela atividade no  
Território Indígena Xakriabá, Minas Gerais - Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Formação Intercultural de Educadores  
Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG,  
Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza

Orientador: Francisco Ângelo Coutinho

Co-orientador: Rebeca Cássia Andrade

Belo Horizonte

2019

## **Agradecimentos**

Agradeço à Deus por permitir chegar a esse momento tão importante da minha vida;

Aos meus pais Daniel Fernandes (in memória) e Vanilda Rosa por sempre me incentivar a seguir um caminho de luta e de persistência;

Agradeço também à minha tia Maria Rosa (in memória) e minha avó Joana de Jesus (in memória) por sempre me incentivar a estudar e ser um bom aluno;

Em especial meu filho Eikon e minha esposa Nayara Oliveira Mota pelo apoio e incentivo, pelo companheirismo de sempre e pela confiança no meu trabalho ao longo desses anos;

Aos meus irmãos Ronaldo, Samuel, Jose da Conceição (in memória) e Bia pelos momentos que Deus nos proporcionou de estar juntos nesta caminhada e conquista de nossas vidas;

Aos nossos caciques e lideranças Xakriabá que lutaram e lutam para defender nossos direitos e pela confiança e apoio e a todos os índios Xakriabá;

Aos meus colaboradores entrevistados: Jose Fiúza da Silva, Israel Seixas de Souza e Jose Lopo Santana pelos momentos de aprendizado que tivemos nas nossas conversas;

À UFMG por acreditar e confiar que nós indígenas somos capazes de fazer parte dela;

Aos meus colegas de turma pela união e companheirismo, em especial aos meus amigos Luciano, Erick e Zezinha por me apoiar nos momentos mais difíceis que passei durante os quatro anos de curso;

À todo colegiado e secretaria do curso FIEI, professores e bolsistas por estarem caminhando juntos e defendendo nossos direitos e sempre respeitando a cultura indígena;

Ao meu orientador Francisco Ângelo Coutinho e minha co-orientadora Rebeca Cássia Andrade;

Aos professores que passaram pela habilitação em Ciências da Vida e da Natureza e em especial à professora Vanessa, Célio da Silveira Junior, Juarez Melgaço pelas grandes aulas de física e a todos seus bolsistas que tivemos por sempre estar ao nosso lado em momentos difíceis.

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa descreve como se deu a criação de gado na Terra Indígena Xakriabá e mostram os fatores que têm levado, nós indígenas, a buscar desenvolver a atividade pecuária dentro do nosso território e como essa atividade tem contribuído para o desenvolvimento econômico das pessoas e conseqüentemente das aldeias. Por outro lado, também identifica os impactos gerados por essa atividade ao meio ambiente do território Xakriabá. Antes tínhamos a caça como complemento principal da alimentação e essa diminuíra consideravelmente a cada dia, fator agravado pelo reduzido regime de chuvas da região, e uma das maneiras encontradas por nós indígenas foi incorporar a pecuária como uma atividade de complemento à renda e substituição da caça. Porém, a pecuária não gera apenas renda para os criadores, a pecuária também causa um impacto imensurável ao meio ambiente. Tendo em vista ambos os lados, procurei demonstrar as influências geradas pela atividade pecuária economicamente e ambientalmente. Esse trabalho se justifica pela ausência de pesquisas nessa área dentro do nosso território e espera-se que este possa contribuir dando visibilidade aos fatos ocorridos desde o início da pecuária até os dias atuais, fazendo com que nós Xakriabá tenhamos uma percepção mais ampla sobre as várias questões importantes que a pecuária traz consigo. Considerando a experiência dos mais velhos, é possível dizer que o tema pecuária deverá ser um assunto muito discutido nos Territórios Indígenas não apenas pela importância financeira que ela evidentemente pode proporcionar, mas para conscientizarmos de que devemos buscar alternativas que visam uma convivência pacífica entre o homem, a pecuária e a natureza.

**Palavras chave:** Território Xakriabá, Pecuária, Pastagens, Impactos, Meio ambiente.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 1</b> - Imagem de satélite retirada da internet. Fonte: Google Earth. Ano 2017...                 | 18 |
| <b>Figura 2</b> - Crianças tocando animais para dar água. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2017.....             | 31 |
| <b>Figura 3</b> - Criança com carroça carregando leite. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2018...                 | 31 |
| <b>Figura 4</b> - Produção de leite - aldeia São Domingos. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2018.....            | 32 |
| <b>Figura 5</b> - Cavalos para auxiliar no manejo do gado. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2018.....            | 33 |
| <b>Figura 6</b> - Áreas cercadas. Fonte arquivo pessoal. Ano 2017.....                                      | 34 |
| <b>Figura 7</b> - Manga de pastagens aldeia Itapicuru. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2017.....                | 35 |
| <b>Figura 8</b> - manga de pastagens na aldeia Itapicuru. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2017.....             | 35 |
| <b>Figura 9</b> - Manga de pastagem aldeia Morro Falhado. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2018.....             | 36 |
| <b>Figura 10</b> - Gado no território Xakriabá. Aldeia São Domingos. Fonte: Arquivo pessoal. Ano 2018 .     | 37 |
| <b>Figura 11</b> - Área onde havia pastagem na aldeia Itacarambzinho. Fonte: Arquivo pessoal. Ano 2017..... | 38 |
| <b>Figura 12</b> - Área desmatada aldeia Morro Falhado. Fonte: Arquivo pessoal. Ano 2017. ....              | 38 |
| <b>Figura 13</b> - Área desmatada em recuperação. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2017. ....                    | 39 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....                                       | 7  |
| 1.    Metodologia de pesquisa.....                    | 8  |
| 2.    Apresentação do autor.....                      | 10 |
| CAPITULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO.....                    | 13 |
| 1.    Histórico do povo e do Território Xakriabá..... | 13 |
| 1.1. Transformações do território.....                | 17 |
| CAPÍTULO 2 - Como surgiu A criação de gado.....       | 24 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                             | 40 |
| BIBLIOGRAFIA.....                                     | 42 |
| ANEXOS.....   | 43 |
| 1.    ENTREVISTADOS.....                              | 43 |
| 2.    GLOSSÁRIO.....                                  | 44 |
| 3.    DADOS SOBRE A POPULAÇÃO INDÍGENA.....           | 44 |

## INTRODUÇÃO

---

O objetivo desta pesquisa foi procurar entender como se deu a criação de gado no Território Indígena Xakriabá. Descrever quais fatores tem levado nós indígenas a desenvolver a atividade pecuária no território, e como essa atividade tem contribuído para o desenvolvimento econômico das pessoas e conseqüentemente das aldeias. Foi objetivo também, buscar informações com os criadores mais velhos do território sobre qual era o intuito principal dessa atividade e se atualmente este se mantém o mesmo. Por outro lado, é objetivo ainda identificar os impactos gerados por essa atividade no meio ambiente dentro do território.

Sabemos que a atividade pecuária não é tradicionalmente de origem indígena, pois antes tínhamos a caça como recurso principal da alimentação. Porém, no decorrer dos anos, devido à diminuição desse recurso, tivemos que incorporar a pecuária como uma atividade de complemento à renda e substituição da caça. Portanto, é sabido por todos nós que a pecuária não só gera uma renda considerável para os criadores como também causa um enorme impacto ao meio ambiente. Tendo em vista ambos os lados, vou procurar demonstrar através desta pesquisa as influências geradas pela atividade pecuária economicamente e ambientalmente. Vou procurar mostrar também outro fator que querendo ou não acaba influenciando o meio social dentro do território indígena, que é o capitalismo e a divisão da terra que deveria ser um bem coletivo.

A prática de criação de gado no território Xakriabá vem sendo praticada há muito tempo e, no decorrer dos anos essa prática foi se tornando cada vez mais comum e intensa, tomando proporções cada vez maiores e talvez fugindo um pouco do objetivo principal das primeiras gerações que aderiram a essa prática, que era o suprimento da alimentação devido à diminuição dos animais de caça no território Xakriabá.

Escolhi esse tema porque percebi que grandes partes dos indígenas Xakriabá que praticam a pecuária, atualmente, não estão seguindo o objetivo das gerações passadas. Muitos desses criadores visam o comércio e não exatamente a própria alimentação. É possível observar dentro do território Xakriabá indígenas com uma grande quantidade de gado. Com isso observa-se também a grande importância que os indígenas deram à

pecuária. Em algumas aldeias é possível ver grandes áreas que foram desmatadas para a produção de mangas de pasto<sup>1</sup>.

Com o surgimento da pecuária dentro do território Xakriabá, e mais recentemente com o aumento dessa atividade, pode-se notar que o território se encontra todo dividido por cercas que delimitam propriedades. Isso é bem diferente do que faziam as gerações passadas, pois elas possuíam pequenas quantidades de gado e os criavam soltos sem a divisão do território como se encontra hoje.

Esse trabalho se justifica pela ausência de pesquisas nessa área dentro do nosso território, e com ela espera-se contribuir e fazer com que nós Xakriabá tenhamos uma percepção mais ampla sobre as seguintes questões: Como começou a pecuária no nosso território? Como ela se encontra hoje? Como ela vai estar daqui a algum tempo? Qual o principal objetivo nosso com a criação de gado atualmente? Além disso, avaliar quais os benefícios e prejuízos ela tem gerado ao nosso território e nosso povo. Essa pesquisa dará visibilidade aos fatos ocorridos desde o início da pecuária até os dias atuais, possibilitando que o nosso povo e, principalmente, a juventude tenha conhecimentos dos benefícios e também dos impactos gerados por essa atividade. Além disso, as nossas escolas são carentes de materiais de pesquisas que retratem a realidade do nosso território. Essa investigação poderá auxiliar na construção de materiais didáticos para serem trabalhados nas escolas indígenas, em especial, as nossas escolas Xakriabá.

Diante disso, reforço que meu objetivo com essa pesquisa é mostrar e descrever como se encontra a pecuária em nosso território atualmente, buscando a opinião dos anciãos e criadores em relação a essa atividade que, tradicionalmente, não é da cultura indígena, mas que ao longo dos anos se incorporou aos nossos hábitos e meio de sobrevivência. Assim, pretendo elaborar uma opinião conjunta com os entrevistados sobre os benefícios que ela tem gerado na melhoria das condições de vida do nosso povo e os eventuais danos que ela tem gerado ou vem gerando ao nosso território ao longo dos anos.

---

## **1. METODOLOGIA DE PESQUISA**

---

Para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizei como metodologia a aplicação de roteiros, entrevistas, realização de filmagens e gravações com criadores de gado das aldeias Itapicuru e Santa Cruz. Entre estes, está a liderança indígena da aldeia Itapicuru,

---

<sup>1</sup> Vide glossário.



por ter um grande conhecimento sobre essa prática, que é a pecuária no território Xakriabá. As entrevistas foram feitas com pessoas de idades diferentes, entre 37 e 66 anos de idade. Além da liderança, entrevistei também criadores mais jovens e acompanhei a lida no dia-a-dia de alguns criadores para ver de perto os métodos de manejo dessa atividade. Essas entrevistas vão ficar como registro das opiniões dessas pessoas em relação à pecuária dentro do nosso território. Além dos meios metodológicos acima citados também utilizei questionários para solicitar informações a alguns órgãos estaduais e municipais como IMA (Instituto Mineiro de Agropecuária), EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) que detinham informações relevantes que foram acrescentadas a este trabalho de pesquisa.

A minha pesquisa de TCC sobre os impactos gerados pela pecuária no território indígena Xakriabá se deu através de um conhecimento prévio que eu já tinha sobre o tema e por já ter tido uma experiência com essa atividade por um tempo, cerca de quatro anos. O meu interesse pela atividade pecuária veio por influência própria, mas os meus familiares, meu pai e meus tios já tinham certa experiência com a pecuária de subsistência, ou seja, a criação de gado apenas para complemento do sustento familiar e não para fins comerciais. Confesso que o meu intuito de criar gado foi motivado mais por interesse comercial, já que é sabido por todos que esta atividade gera um bom retorno financeiro. Durante o período em que eu aderi à pecuária pude analisar alguns fatores que estavam inviabilizando esta atividade. O principal é a diminuição do índice pluviométrico da região, que encarece os custos já que as pastagens não se desenvolvem obrigando os criadores a buscar outras formas de manter a criação. Por outro lado, os lugares onde tinham sido desmatados para formar pastagens dificilmente estão sendo recuperadas, pois a falta da chuva também faz com que a floresta se regenere muito lentamente. Portanto, temos aí duas desvantagens: o alto custo para manter a criação de gado e, o maior de todo o prejuízo ambiental. Em decorrência dessa prévia análise que fiz nos últimos seis ou sete anos considerei o assunto interessante para ser pesquisado, discutido e mostrado no meu trabalho de conclusão de curso.

Para falar sobre este assunto eu tive uma conversa inicial mais aberta com algumas pessoas que têm conhecimento sobre esse tema e a partir daí montei um roteiro para dialogar mais seriamente com os meus entrevistados e posteriormente elaborei um questionário para enviar a alguns órgãos municipais (EMATER) e estaduais (IMA) que pudessem acrescentar informações relevantes ao meu trabalho. Os entrevistados são todos indígenas e as entrevistas aconteceram na casa dos mesmos dentro do próprio

território Xakriabá. Todos os entrevistados permitiram a divulgação do nome, que fossem fotografados, filmados e que suas falas fossem gravadas e utilizadas neste trabalho. É importante ressaltar também que não houve nenhuma resistência por parte dessas pessoas em dar permissão para tal divulgação, já que os mesmos souberam com antecedência o objetivo e a finalidade deste trabalho.

O meu primeiro entrevistado foi o Sr José Fiúza da Silva, 66 anos, liderança da aldeia Itapicuru. O segundo entrevistado foi Israel Seixas de Souza, 37 anos, morador da aldeia Santa Cruz e criador de gado há 13 anos. Houve também outra entrevista com José Lopo Santana, 46 anos, morador da aldeia Santa Cruz e cria gado desde 1998. Quanto aos órgãos estaduais e municipais, ressalto que não fiz nenhuma entrevista e que todas as informações passadas por eles foram obtidas através de questionários que eu mesmo elaborei e enviei-os pessoalmente, os quais foram respondidos de acordo com as minhas perguntas. Mesmo sabendo que as informações repassadas por esses órgãos não são restritas por se tratarem de órgãos públicos, ainda assim, fiz questão de informá-los o objetivo e a finalidade do uso de tais informações. O primeiro questionário que enviei solicitando algumas informações sobre a criação de gado no território indígena Xakriabá foi encaminhado para o escritório seccional do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) que fica no município de Itacarambi – MG. Posteriormente, enviei um segundo questionário para a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do município de São João das Missões - MG.

---

## **2. APRESENTAÇÃO DO AUTOR**

---

Eu, José Aparecido, tenho trinta e um anos, sou o mais velho de uma família de cinco irmãos. Sou indígena da etnia Xakriabá residente na aldeia Santa Cruz, uma das 34 aldeias do Território Indígena Xakriabá que fica no município de São João das Missões no norte do estado de Minas Gerais. Atualmente moro com minha esposa Nayara de vinte e cinco anos e meu filho Eikon de sete anos.

Quando criança morava numa casa grande com meus pais, meus irmãos, duas tias da minha mãe e um primo. Éramos uma família simples, mas muito feliz. A nossa casa era simples, e ficava num lugar muito bonito, próximo a um pequeno rio onde todos os dias acordávamos com o cantar dos pássaros. Ainda me lembro das sombras das mangueiras e das goiabeiras que ficavam no quintal da casa onde vivíamos. Era embaixo dessas árvores onde eu brincava de esconde-esconde, de casinha e de cavalo-

de-pau. Meus pais sempre viveram na aldeia e trabalharam na roça. Desde os doze anos ajudei o meu pai na roça. Dividia o meu tempo entre a escola e o trabalho e nunca fui reprovado de ano na escola.

O meu pai não sabia ler nem escrever e minha mãe domina muito pouco a leitura, mas sempre contei com a ajuda de minha tia que morava com a gente para ajudar nas tarefas da escola em casa, pois minha mãe não tinha tempo para me ajudar devido aos afazeres de casa e ainda ajudar o meu pai na roça.

Apesar de ter começado a trabalhar muito cedo sempre fui e sou feliz vivendo na aldeia. Quando criança brincava muito com meus irmãos e primos no quintal da casa, debaixo das mangueiras, correndo pelo brejo, nadando nas águas de um pequeno riacho. Minha trajetória escolar começou a vinte e quatro anos atrás, ou seja, quando tinha sete anos, pois nesta época as crianças só frequentavam a escola a partir dos sete anos de idade porque nas aldeias não havia ensino escolar para crianças com idade menor. Minha vontade de conhecer a escola era tão grande que antes dos sete anos, um dia saí de casa fugido para ir conhecer a escola. Meu primeiro dia de aula foi muito marcante para mim, pois era um sonho ir para escola. Iniciei meus estudos numa velha escolinha da minha aldeia, onde estudei até a quarta série do ensino fundamental.

Na quinta série tive que estudar na aldeia Itapicuru que fica a uns cinco quilômetros da minha aldeia, nessa época na minha aldeia não ensinava a quinta série. Mas sempre estudei em escola indígena. Fatos marcantes não faltam na minha vida. Entre eles está o esforço de minha tia em me ensinar a ler e o incentivo de meus pais e minha avó materna, que era analfabeta, mas fazia o possível para eu estudar. Sempre tive bons professores, na verdade não eram só professores eram amigos. Dificuldades eu sempre enfrentei, entre elas estudar distante da minha aldeia quase cinco quilômetros, e tinha que ir e vir a pé todos os dias em um sol escaldante. Alegria também sempre teve, pois sempre enfrentava as dificuldades ao lado de boas pessoas: meu pai, minha mãe, minhas tias, minha avó, meus irmãos e meus amigos.

Em dezembro de 2004 formei a oitava série, um momento de muita alegria. Dois anos depois, em outubro de 2006 fui escolhido pela liderança da comunidade para fazer o magistério indígena e atuar como professor na escola onde eu havia estudado quando criança. Foi uma alegria para mim e minha família, especialmente para minha avó que sempre incentivou os meus estudos. Em 2015, nove anos depois de ter iniciado minha trajetória escolar como professor, passei no vestibular da UFMG para o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI). Na Universidade Federal de

Minas Gerais me formei em Ciências da Vida e da Natureza. Durante os quatro anos de formação no curso meu tempo se dividia entre as aulas presenciais em Belo Horizonte e os intermódulos que aconteciam nas aldeias com a presença dos professores da UFMG. Além da faculdade eu continuava atuando como professor e vice-diretor na escola da aldeia. Minha formação no FIEI contribuiu muito para o meu trabalho e abriu uma visão mais ampla sobre o que posso trabalhar nas nossas escolas criando um currículo que atenda as demandas dos nossos alunos e da nossa comunidade.

# CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO

---

---

## 1. HISTÓRICO DO POVO E DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ

---

Em um artigo escrito por Rita Heloisa de Almeida, com base em estudos antropológicos, ela faz uma descrição sobre o povo Xakriabá.

Em termos lingüísticos, a ancestralidade dos Xakriabá está associada aos Akuên Xavante e Xerente. No *Handbook of South American Indians* (1946), Lowie define o povo Shacriabá como filiados ao tronco lingüístico Ge, subdivisão Akuên e originários da parte meridional das terras entre o rio São Francisco e o rio Tocantins. Em *Línguas Brasileiras*, Aryon Dall' Igna Rodrigues, (1986) relaciona esse grupo indígena ao Xavante e ao Xerente, como integrantes da família Jê. (ALMEIDA, 2006, p. 9)

Ainda de acordo com o artigo de Almeida (2006) com base nos estudos antropológicos sobre nós Xakriabá ela dá algumas referências.

Na cartografia etnográfica, Melatti (1993), situa a ocupação tradicional do povo Xakriabá ao longo do rio São Francisco, na divisa entre Bahia e Minas Gerais. (...) Sobre a etnia e localização, Milliet Saint-Adolphe (1845), afirma que os Xakriabá espalhavam-se por uma área que abrangia as províncias de Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, além do território goiano. Segundo Almeida, Ehrenreich (1892) localiza o povo Xakriabá na margem esquerda do rio São Francisco, e, tal como outros estudiosos relaciona os Xakriabá, em termos lingüísticos, aos Xavantes e Xerente. Saint-Hilaire (1819), ao visitar os Xakriabá da aldeia de Santana, localizada no Triângulo Mineiro, observou um aspecto marcante na história desses índios: terem auxiliado os colonizadores desta região contra os ataques dos Kayapó meridionais. Este é um fato reiterado na história de contato dos Xakriabá – o de terem estabelecido alianças e prestado serviços militares ao homem branco nos movimentos de consolidação da conquista. (ALMEIDA, 2006, 10-11 p).

No mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes de Curt Nimuendaju (1944), citado no artigo de Almeida (2006), o nome Sakriabá está associada à família lingüística Ge, sendo identificado, em termos espaciais, em locais distantes de onde estamos hoje, a partir do século XVIII. Estas referências indicam:

(...) O itinerário histórico das relações dos Xakriabá com os colonizadores desde as primeiras entradas no território original, quando, genericamente, foi identificado como Tapuia pelo Jesuíta João Aspicuelta Navarro, nos anos de 1553 e 1555, enquanto este percorria o vale do São Francisco, no norte de Minas e no interior da Bahia. (ALMEIDA, 2006, 11 p).

Como Almeida discute, logo nos primeiros anos após a colonização, um padre jesuíta que passava pela região do rio São Francisco, onde se encontra nosso território, encontrou alguns indígenas que sem saber diferenciar chamou todos de Tapuia. Com relação aos aspectos históricos que apresentam relatos em forma de texto, Tavares (2011) também descreve que:

O bandeirante paulista Matias Cardoso de Almeida, um dos mais famosos caudilhos da época juntamente com seu filho Januário Cardoso, seu primo Manoel Francisco de Toledo, e seu cunhado, o paulista Antônio Gonçalves Figueira, numa expedição legal composta de 57 homens incluindo índios mansos, escravos e padres partiram de São Paulo rumo ao norte, chegou ao rio das velhas e percorreu até a sua foz entrou no novo estuário navegando até o alto médio São Francisco. A finalidade da expedição era a conquista de nações gentílicas e bravas, indígenas e quilombolas (escravos fugitivos). Matias Cardoso foi informado por um de seus descendentes que encontraram um grande número de indígenas em um tributário<sup>2</sup> do rio São Francisco onde montaram acampamento e ficaram por alguns dias a espreita até avistaram um grupo de índios na foz do rio Itacarambi. Ao sair em perseguição aos nativos, em 24 de junho de 1.695, surpreenderam a tribo dos Shacriabás aldeada às margens do rio Itacarambi, a uma distância de duas léguas e meia da desembocadura<sup>3</sup> do rio. A princípio estabeleceu-se guerra, em seguida, trataram-no com acordo de paz. (TAVARES, 2011,1 p.).

Na segunda década do século XVIII, nós Xakriabá, fomos convocados a se aliar ao mestre de campo Januário Cardoso de Almeida, filho do bandeirante Matias Cardoso de Almeida, nos confrontos bélicos contra o inimigo em comum – os Kayapó. Em reconhecimento aos serviços militares prestados, ganhamos liberdade e um lote de terra delimitado pelos rios Itacarambi, Peruaçu e São Francisco, pela Serra Geral e Boa Vista. Esta doação foi, ao mesmo tempo, carta de renascimento do nosso povo e conquista de um território. Conforme Schettino (1999): “o documento de doação soa como uma constituição para os índios e denota a presença de uma missão com um aldeamento no

---

<sup>2</sup> Vide Glossário.

<sup>3</sup> Vide Glossário.

Riacho do Itacarambi, a ‘Missão do Sr. São João’”. A aldeia São João dos Índios visitada e descrita em relatos do naturalista francês Saint-Hilaire em 1817, é hoje São João das Missões. Naquela época o pequeno arraial era formado por duas ruas e uma pequena praça, tendo no fundo a igreja São João. (ALMEIDA, 2006, 12 p).

A história conta que essa igreja foi construída em dois anos (1.697/1.698) com a força de trabalho do nosso povo, conseguido de forma amigável, através do escambo realizado com pedaços de tecidos, anzóis, espelhos, pratos, talheres, facas, canivetes e às vezes foices, machados e facões. Para ornamentá-la, os jesuítas contrataram os serviços de um artesão da nossa etnia Xakriabá. Segundo os relatos históricos mais antigos, o artesão seria avô do cacique Xakriabá, Estevão Oliveira (conhecido como Trinca Ferro), o último dos remanescentes a falar fluentemente o nosso idioma nativo. Foi das mãos desse artesão que originou a imagem de São João dos Índios, denominação que o arraial passou a ter, até ser extinto pela Lei nº 45, de 17 de março de 1.836 quando houve a elevação a categoria de distrito, sob a denominação de São João das Missões. (TAVARES, 2011,1 p.)

Atualmente o nosso território está localizado no norte do estado de Minas Gerais, no município de São João das Missões, bacia do rio São Francisco. O município de São João das Missões situa-se entre os municípios de Manga, Miravânia, Itacarambi e Januária e ocupa uma área de 679,89 quilômetros quadrados, sendo que a reserva indígena Xakriabá ocupa uma área de 530,74 quilômetros quadrados, o que corresponde a 78,07 % da superfície total do município. São João das Missões fica a uma distância de 663 km de Belo Horizonte (capital) e a 247 km de Montes Claros, cidade pólo do norte de Minas, sendo o acesso realizado através da BR-135. Posiciona-se a 18 km do rio São Francisco e é marcado pelo rio Itacarambi que banha quase todo o território do município. (WIKIPEDIA, 2018).

A partir de 1960, a Terra Indígena Xakriabá sofreu uma intensa ocupação por parte de fazendeiros e posseiros que exploravam o comércio de madeiras, a produção do carvão, a implantação da pecuária extensiva e da agricultura comercial que foram os principais responsáveis pela destruição das matas nas margens dos rios, destruição das nascentes e decorrentes desaparecimentos dos rios, lagoas e demais depósitos de água. De acordo com Almeida (2006), em dezembro de 1973, foi criado o posto indígena Xakriabá pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para dar assistência ao nosso povo e coibir ações de intimidação e violência como a que ocorreria até mesmo com a própria sede do posto, que seria, três anos depois, invadida e metralhada por policiais civis. Em

1979 a FUNAI demarca a nossa terra e, em 14 de julho de 1987, o Decreto Presidencial nº 94.608 homologa a demarcação da Terra Indígena Xakriabá (46.414,9242 hectares e 94, 388 km), não sem antes registrar assassinatos de líderes indígenas, como o do vice-cacique Rosalino Gomes de Oliveira, morto por pistoleiros contratados por fazendeiros em sentimento terminal de vingança aos ganhos na justiça em nome do nosso povo. (ALMEIDA, 2006).

Posteriormente, em 2003 foi acrescentada como área contígua, a Terra Indígena de Rancharia (6.798,3817 hectares e 36.397.29). O nosso território atual demarcado e homologado é de exatamente 53.213,3059 hectares, dividida em 34 aldeias. A população Xakriabá em 2010 seria de 7.760 indígenas (IBGE, 2012), atualmente é estimada em, aproximadamente, 12 mil índios incluindo a Terra Indígena de Rancharia.

O clima em nosso território é quente durante todo o ano. A estação chuvosa nos últimos anos tem diminuído bastante, variando de novembro a março. O baixo índice pluviométrico tem prolongado o período de seca, deixando o território com escassez de água. O solo apresenta várias qualidades e é cheio de contrastes onde pode se encontrar áreas planas e também montanhosas. A maior parte da vegetação é nativa e constituída por matas secas e veredas onde predomina o cerrado (tabuleiro<sup>4</sup> ou gerais como é conhecido na linguagem local). Nesses ambientes se encontram muitas variedades de plantas e árvores, muitas delas consideradas medicinais pelo nosso povo. Também se encontram animais e aves de várias espécies, apesar da escassez de água.

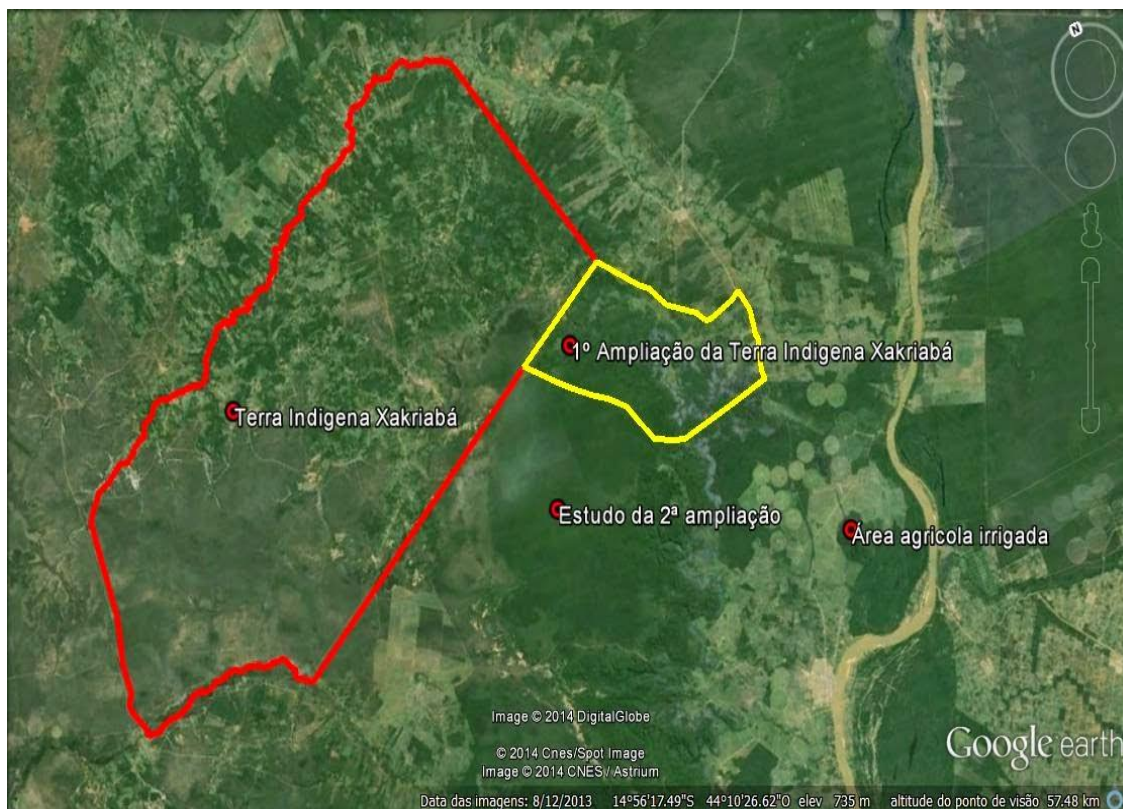
As pessoas têm como meio de sobrevivência a produção de artesanatos e a lavoura (plântio de roça) que, com o baixo índice de chuvas na região tem diminuído consideravelmente, fazendo com que as pessoas consumam mais produtos que venham de fora. A criação de gado também é uma das principais fontes de renda do nosso povo e isso tem levado as pessoas a derrubarem muitas matas para a produção de pastagens. Infelizmente, a criação de gado não tem trazido só benefícios, mas, também, consequências negativas para o nosso território.

---

<sup>4</sup> Vide Glossário.



## 1.1. TRANSFORMAÇÕES DO TERRITÓRIO



**Figura 1** - Imagem de satélite retirada da internet. Fonte: Google Earth. Ano 2017

As mudanças em nosso território são bem visíveis como relata a pesquisa feita pelo Projeto de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA). O PGTA é um plano (projeto) de gestão ambiental construído pela Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAÍ) em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que tem como objetivo geral promover a elaboração de um plano de gestão territorial e ambiental das terras indígenas Xakriabá conforme acordo de subvenção nº 33153/2015 firmado entre a ANAÍ e o ISPN. Esse projeto iniciou no ano de 2014 e foi concluído em 2016 no Território Xakriabá, esse trabalho foi feito com a participação de um grupo de pesquisadores Xakriabá espalhados por várias aldeias dentro do território. Os pesquisadores indígenas pesquisaram e coletaram informações através de entrevistas com anciãos e montaram juntamente com a equipe da ANAÍ o documento com informações diagnósticas e etnomapeamento com descrições do território e dos hábitos das pessoas como costumes, tradições, trabalho, crise de água, transformações do território, mapas, vegetação, paisagem entre outros fatores.

Segundo informação colhida através de entrevistas feitas pelos pesquisadores do PGTA Creuza Ferreira dos Santos, Ediene Ferreira dos Santos e Marco Antônio Pinheiro da Silva todos da aldeia Prata relatam o seguinte:

Em nossa aldeia houve várias mudanças e transformações, aqui era um lugar bonito com muitas árvores, tinham muita água. Não que agora seja um lugar feio, mas sim transformado, pois devido à destruição de árvores, de animais, corte de árvores à beira das nascentes, foram surgindo às transformações. Árvores cortadas, os animais desapareceram e as cacimbas que antes tinham muita água secaram as nascentes que tinham muita água – água que corria pelas grotas secou, as chuvas diminuíram. Enfim, as mudanças ocorrem conforme a natureza está sendo modificada. [...] Também houve transformações na maneira de construir as casas, porque as casas antes eram de casca de pau e hoje as casas são de blocos. (PGTA, 2016, p.6).

As observações dos pesquisadores e os relatos de mudanças são tantos que fazem comparações até com os hábitos alimentares do nosso povo de antes e de agora.

As mudanças e as transformações são tantas que hoje as pessoas só consomem alimentos que vem dos supermercados, só vestem roupas que vem das lojas, só usam calçados novos. [...] Antes comia o que se plantava por aqui mesmo, pois plantava pouco e colhia muito. [...] Antes existiam muitas caças, pois as nossas matas eram bem preservadas. Existiam muitas abelhas que fabricavam o mel, alguns desses meles eram usados comer e para preparar o café. (PGTA, 2016, p.7).

Segundo o Projeto de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) das Terras Indígenas Xakriabá e Xakriabá/Rancharia há hoje várias questões que estão na pauta das discussões no Território Xakriabá.

Os Xakriabá demonstram conhecimento profundo sobre os problemas que afetam e reflexões maduras sobre relações de causa e efeito e possíveis soluções para eles. Entre as questões que estão na pauta dos debates dos Xakriabá podemos citar: gestão dos recursos hídricos; as mudanças climáticas; o manejo do gado; o extrativismo e a agricultura tradicional; a prevenção e o combate a incêndios; projetos de preservação e recuperação ambiental; projetos de geração de renda através de atividades sustentáveis e o papel da escola na gestão ambiental e territorial. (PGTA, 2016, p.9).

Assim como outros problemas já citados o manejo do gado também encabeça a lista de fatores diagnosticada nas pautas de discussões no território e precisa ser tratado

com bastante atenção. Informações apresentadas no documento do PGTA relatam o seguinte:

A pressão é muito maior sobre a mata seca (caatinga) do que sobre o cerrado, pelos motivos apontados, os solos das matas são mais férteis para a agricultura de ciclo anual. A considerar que a retomada da posse da terra pelos Xakriabá possa significar uma mudança de paradigma em relação ao que é praticada nas grandes propriedades pecuaristas da região, a chamada criação “à solta” permite uma convivência maior do rebanho com as árvores. O mesmo não se pode dizer das gramíneas e outras plantas rasteiras que compõem a flora do cerrado, junto com as árvores. É por isso que não é aconselhável favorecer as gramíneas do cerrado para a alimentação do gado, pois essas secarão na estiagem. O gado criado “à solta” tem disponibilidade de alimentos pelo que encontra de espécies arbóreas. Dificilmente sobreviveria num local com gramíneas em tempos de estiagem prolongada, simplesmente porque as partes aéreas dos campos de gramíneas secam nos períodos de estiagem. (PGTA, 2016, p. 18,19; 23).

Segundo dados do PGTA, 60% do território Xakriabá encontra-se com vegetação nativa, mesmo com a qualidade já bastante alterada e com significativa perda de biomassa. Porém, a prática da pecuária pode ser um risco significativo para o cerrado como descreve o relato a seguir:

O perigo maior para o cerrado é justamente sua conversão em pastagens de gramíneas, insustentáveis do ponto de vista da resistência ao stress hídrico. Prática comum na pecuária regional, esse tipo de influência pode vir a convencer parte dos criadores Xakriabá a produzir novos desmatamentos, especialmente porque o gado só se torna lucrativo a partir de uma determinada escala, o que seria inviável dada à pressão populacional dentro da terra. Embora 97 mil hectares possam parecer “muita terra”, há de se lembrar que oito mil pessoas compartilham essa terra, sem contar aqueles que vão a outros centros urbanos para buscar trabalho. (PGTA, 2016, p.24).

A pecuária da forma que está sendo praticada atualmente no território Xakriabá, além de influenciar a prática do desmatamento traz consigo outro problema: a degradação das nascentes e riachos. A pesquisa realizada pelo PGTA tem mostrado isso de forma bem expressiva, como relata a denúncia de um morador da aldeia Pedra Redonda.

José dos Reis, presidente da associação do Brejo Mata Fome, residente na aldeia Pedra Redonda denuncia que “*os gerais estão sendo cercados pelos criadores de gado*” e a criação tem gerado conflito nas comunidades por causa da água. “*Às vezes falta água para as pessoas, mas o gado tem água*”. O gado criado “à solta” pode prejudicar as nascentes, e impedir a recuperação de áreas degradadas, atrapalharem os que trabalham com extrativismo e agricultura. (PGTA, 2016, p. 33-34).

Embora a pecuária receba várias críticas pelos danos que causa ao meio ambiente, não se pode negar que a mesma também traz benefícios. A pecuária é a fonte de renda principal de muitas famílias Xakriabá e é possível estabelecer um limite de convivência entre a pecuária e o meio ambiente para que ambas possam conviver de forma pacífica. Esse é o desafio que está posto ao povo Xakriabá: conter o desmatamento, recuperar as áreas degradadas e estabelecer uma pecuária sustentável.

Se manejado de maneira adequado, o gado pode inclusive ajudar na recuperação de áreas. Caminho que deve ser buscado, uma vez que a criação de animais representa fonte de renda e segurança alimentar para muitas famílias Xakriabá. É importante que esses conflitos trazidos pela criação sejam superados. (PGTA, 2016, p.34)

O PGTA fez um mapeamento das transformações na vegetação original ocorridas entre os anos de 1984 a 2014 no território Xakriabá evidenciando as seguintes conclusões:

A presença de floresta determina a qualidade do solo, e, no entanto, isso acaba por ser modificado, ao se utilizar o solo para pecuária e agricultura convencional. A retirada das árvores, necessárias para plantar causará uma diminuição da capacidade do solo de armazenar água. [...] Utilizando evidências e os cálculos realizados a partir do mapeamento dessas ocorrências vegetais apontam que 51% das terras indígenas seriam originalmente cobertas com cerrado, enquanto que 45,9% teriam a caatinga como sua cobertura vegetal original. Em 1984, foi possível interpretar perdas consideráveis: 15% de perda de cerrado e 38% de caatinga, onde preferencialmente se localizam os plantios dos Xakriabá. As áreas de caatinga foram as que mais sofreram modificações, restando, em 2015 apenas 51% do total que antes existia originalmente dessa vegetação. Considerando que em 1984 ainda existiam 62% de caatinga, foram nesse período até 2015 que se desmatou 11% da área desse ecossistema. [...] Isso é perceptível no oeste da terra Xakriabá. (PGTA, 2016, p.21-22).

Os mesmos estudos que evidenciam perdas concretas na vegetação original mostram também, no entanto, uma possível recuperação nas áreas de vegetação desmatadas abandonadas e apontam ainda, uma diminuição dos níveis de desmatamento dentro do território Xakriabá.

De modo geral, houve uma considerável diminuição no ritmo de desmatamento entre 1984 e 2015, período em que os Xakriabá assumem para si o domínio sobre a área da terra indígena. Um dado que mostra que há de fato um potencial de regeneração de uma vegetação florestal, é que 84 hectares se recuperam de um corte raso em 1984, e hoje possuem vegetação em melhor estado, iniciando a regeneração. [...] Na região do Brejo Mata Fome, por ser uma região mais historicamente ocupada, em densidade, fica evidente a importância da região da Pedra Redonda, onde já há algum tempo o gado não entra mais e isso permitiu a sobrevivência de uma mata contínua e de qualidade. [...] A região de Rancharia também possui bons exemplares de mata de qualidade, mas cada vez mais distantes. [...] Nas encostas do fundo da T. I. Rancharia, na Grota do Licuri, há matas bem preservadas, bem como em toda retomada, onde ela ainda mantém zonas de contato com o cerrado menos alterado, à primeira vista. (PGTA, 2016, p.22; 25-26).

O território Xakriabá tem sofrido uma crise hídrica devido à diminuição das chuvas nos últimos anos. Atualmente várias aldeias sofrem por falta de água, isso é bem diferente do que aconteciam décadas atrás. O abastecimento de todas as aldeias tem sido feita por tubulações e nem sempre são abastecidas de forma adequada e suficiente à demanda das comunidades.

Com superlativos de 26 poços artesianos e 200 km de tubulações para levar água as 59 caixas de água e daí para as casas nas aldeias, essa é uma das maiores redes rurais de abastecimento, com grande densidade de canos subterrâneos. Antigamente, quando a população Xakriabá era de aproximadamente 2 mil pessoas, buscava-se água em potes de barro nos riachos e nascentes. Atualmente, com a água sumindo do território, os 10 mil habitantes contam com água dessa rede de poços artesianos, além da captação de água de chuva. Apesar da robusta estrutura de encanamentos e poços artesianos, esse sistema não tem dado vazão à demanda por água para uso doméstico. As cisternas para captação da água de chuva, então, são muito importantes e estão presentes na maioria das casas. Entretanto, quando a estiagem se prolonga, é necessário o abastecimento das cisternas com água trazida de fora por caminhões pipas. Para disponibilizar água para o gado, os criadores cavam o que chamam de “barragens” para captar água

de chuva, mas essa captação nem sempre é suficiente. Quando isso acontece, o gado começa a disputar com os moradores das aldeias por água. (PGTA, 2016, p. 36-37).

De acordo com o instituto Akatu<sup>5</sup>, se nada for feito, o norte de Minas Gerais pode virar deserto em 20 anos. O estudo concluiu que mais de 30% do território do estado corre perigo. Se isso realmente vir acontecer, o município de São João das Missões será um entre os 142 municípios atingidos, já que atualmente enfrenta condições difíceis em relação ao abastecimento de água principalmente nas épocas mais secas do ano que geralmente vão de abril a outubro.

O desmatamento, a monocultura e a pecuária intensiva, aliada às condições climáticas adversas, provocam o declínio da biodiversidade e empobrecem o solo de 142 municípios do estado de Minas Gerais. E, se não forem adotadas práticas de produção sustentável na região, um terço do território do estado pode virar deserto em 20 anos. [...] A conclusão é de um estudo encomendado pelo Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação, do Ministério do Meio Ambiente ao governo mineiro. De acordo com o levantamento, essas terras não terão mais uso econômico ou social, o que vai afetar 20% da população mineira. [...] A região engloba cerrado, caatinga e mata atlântica. [...] De acordo com o governo do Estado, para reverter à situação será preciso investir R\$ 1,3 bilhão nas próximas décadas para aumentar as reservas naturais de vegetação e recuperar os recursos hídricos. [...] O governo vai reduzir o espaço destinado ao gado nas áreas de caatinga e restringir atividades prejudiciais ao meio ambiente, como a extração de carvão. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) até o ano de 2050, 200 milhões de pessoas terão de deixar seus lares por conta da degradação do meio ambiente. (AKATU, 2011, 1 p.)

Neste primeiro capítulo do meu trabalho fiz um apanhado de informações com descrições sobre o meu povo e das transformações do nosso território. Não podia entrar diretamente no assunto do qual quero tratar neste trabalho, que é a pecuária e seus impactos, sem antes falar do meu povo e de nossa história de vida, de luta e superação. O povo Xakriabá é povo de muita resistência e bastante resiliente, a nossa história de luta não é recente, ela começou outrora, anos depois da invasão do Brasil pelos europeus. Portanto, a partir de então começamos uma vida de fuga, de enfrentamentos e

---

<sup>5</sup>Criado em 15 de março de 2001 (Dia Mundial do Consumidor), o Instituto Akatu é uma organização não governamental sem fins lucrativos e trabalha pela conscientização e mobilização da sociedade para o consumo consciente e a transição para estilos sustentáveis de vida (AKATU, 2011).

resistência para não se submeter às vontades dos forasteiros que se diziam descobridores do Brasil e do qual se apossaram como se aqui nunca houvesse dono. Porém, mesmo que não tenhamos vencido nossos inimigos na guerra, estamos vencendo pela resistência e pela luta incansável que travamos ao longo de 519 anos.

Hoje nosso território se resume apenas a um pedaço de chão que não corresponde a um décimo do que tínhamos antes. Talvez eu esteja sendo ousado em usar tais palavras para falar do meu povo, mas para um grupo indígena que em outros tempos o limite do seu território se baseava no horizonte e na consciência e viviam por vários estados deste país e atualmente viver sob limites impostos por aqueles que se dizem representantes do estado e da supremacia é bem contraditório e sufocante para nós. Sem desmerecer os outros parentes indígenas, mas por ser hoje a maior etnia indígena de Minas Gerais e uma das maiores etnias indígenas do Brasil, os Xakriabá sem sombras de dúvidas podem se considerar um povo forte de resistência e que possui vontade de viver, mesmo que em meio a tantas opressões e massacres sofridos ao longo de sua história.

No segundo capítulo o leitor poderá perceber que o foco principal é a pecuária e seus impactos, sejam eles positivos ou negativos. Dentro do capítulo 2, através da fala dos entrevistados é possível entender como surgiu a pecuária no território indígena Xakriabá, como ela é desenvolvida e quais as finalidades desta atividade para nosso povo. De início já adianto que a pecuária praticada pelos Xakriabá, atualmente, ainda é bem diferente do modelo de pecuária praticado pelos grandes criadores existentes pelo país.

## CAPÍTULO 2 - COMO SURTIU A CRIAÇÃO DE GADO

---

Segundo o Sr. José Fiúza Xakriabá, de 66 anos, uma das pessoas mais velhas da aldeia Itapicuru e liderança da aldeia, a criação de gado surgiu da necessidade de suprir parte da alimentação, já que dentro do nosso território diminuíram drasticamente os animais dos quais nós praticávamos a caça e serviam como alimento.

A criação de gado surgiu por motivo de uma necessidade, purquê pra os nossos antepassados tinha bastante caça aqui, tinha bastante peixe, tinha bastante material de artesanato, aonde tirava a sobrevivência e aí como essas coisas foram acabando os peixes, a caça, o material de artesanato aí surgiu a necessidade de se criar o porco, um gado pra sobrevivência. (José Fiúza, 2016).

De acordo com o Sr. José Fiúza, a criação de gado não é recente no território Xakriabá. Ele afirma que quando era jovem conheceu alguns indígenas que criavam gado, como por exemplo, o Sr. Macximiro Gomes (já falecido) entre outros membros da aldeia. Mas essas pessoas criavam pequena quantidade de animais. Havia muito gado no nosso território Xakriabá, mas que pertenciam a fazendeiros não-índios.

Vários chefes dessa tribo Xakriabá, de 66 anos pra cá que eu conheci, alguns deles já criava um gado, poucos deles criava gado, purquê só criava pra mermo mantê a sobrevivência. Tinha bastante criação aqui, porém, dos não-índios. A criação de gado no Xakriabá não é recente, ela é.. ela tem bastante ano purquê como eu disse, já conheci aqui alguns índios mais véi criando, nem todos, era muito pôco, mais tinha os mais véi criando pra sobrevivência. (José Fiúza, 2016).

Ainda segundo o Sr. José Fiúza, os indígenas que aderiram à criação de gado não tinham, especificamente, o objetivo comercial, mas era comum que houvesse um pequeno comércio para que, assim, pudessem adquirir coisas que não se produziam nas aldeias e assim eles faziam o complemento da renda das famílias.

Os indígenas mais véi, mais do antepassado, é o objetivo do gado, da criação do gado era não só a parte alimentação mais tombém a parte, o comércio pra mantê o restante das coisa de quando cumeçô a diminuí a chuva aqui, e aí tinha que ter o gado pá sobrevivência, mais tombém pra um comerciozim pra ta recuperano as outras coisa que faltava em casa. (José Fiúza, 2016).



Mas no decorrer do tempo quando as caças e os peixes foram diminuindo, cada vez mais pessoas foram aderindo à prática de criar gado. Isso foi se tornando quase que obrigatório para a sobrevivência.

É no decorrer dos anos mudou muito purquê é agente cunheceu aqui os própis indígena criano muito pôco, quem criava mais aqui era gado de fora qui entrava aqui pra dentro, e o qui mudou mais um pôco é qui com a continuação do tempo, a chuva foi encurtano, material de artesanato foi acabano, as caça foi acabano, os peixe foi acabano e a necessidade da criação se tornou quase obrigatória. (José Fiúza, 2016).

Ainda de acordo com o entrevistado a criação de gado trouxe vantagens, mas também tem trazido uma desvantagem bem maior que os benefícios, porque quando ela veio a ajudar de um lado, do outro, ela veio a acabar com a nossa vida, já que querendo ou não, houve-se a necessidade de se fazerem o desmatamento de matas virgens para a produção de pasto para manter a criação de gado. O mesmo acrescenta que a criação de gado no Território Xakriabá já diminuiu muito e corre o risco de continuar diminuindo devido ao longo período de seca que a nossa região vem enfrentando nos últimos anos.

A vantagem são essa purquê os própis<sup>6</sup> índio num tem cuma num criá um gadim pá sobrevivença, pá fazê o intero pá sobrevivença, purquê a roça num ta mais dano mais, num tem chuva pra gente prantá e colhê roça, então o gado vai fazê cum que fazê o intero da contribuição do gasto de casa. A disvantage, ela tem sido bem maior do que a vantagem, porque se sabe que antes nós tinha aqui um territorio de mata virge<sup>7</sup>, mata atlântica, e hoje com a criação do gado, querendo ou não teve que haver dismatamento pra pudê sobreviver esses gado, então essa é uma das grande disvantage de criação do gado é purquê quando ela vêi ajudá dum lado, ela vêi acabá cum a vida nossa do outro lado, que foi o dismatamento. [...] Esperamos que se deus abençoá, tupã mandá chuva na terra pra que as coisas melhora, esperamos qui alguns vai recoperá algumas criaçãozinhas mais que não seja muito, e que os governos olhe pro lado dos indígenas, incherga o lado dos indígena pra qui essas escolas cresça esses indígenas, mais cum projetos, de qui esses indígenas não só estuda, mas qui estuda e qui seja capacitados e qui tenha projetos pra qui esses indígenas trabalhe pra sobrevivença, que só assim podemos diminuí a criação de gado no nosso territorio Xakriabá. (José Fiúza, 2016).

---

<sup>6</sup> Vide Glossário.

<sup>7</sup> Vide Glossário.

Quando perguntei ao Sr. José Fiúza sobre o que ele esperava da criação de gado em nosso território se a falta de chuvas continuasse persistindo, ele respondeu:

Pode dá um fim, talvez não cem por cento da criação mais duns noventa por cento da criação de gado pode ser dado fim, purquê num tem como mantê devido à falta d'água. [...] O meu pai, eu já conheci o meu pai criando uns déis gadim e depois do meu pai foi um irmão que eu tenho Rosalvo, que é uma liderança. E eu já fui por último eu tou como recente criador, e que já tô acabando com a criação por não ter condições de criá purquê devido à falta d'água. (José Fiúza, 2016).

Na fala de Israel Seixas de Souza, parente Xakriabá de 37 anos, conhecido como Rael, da aldeia Santa Cruz e criador de gado há 12 (doze) anos, ele também vê a criação de gado como um meio de complemento da renda familiar. Segundo ele, começou a criar o gado para o consumo próprio, mas em algumas situações comercializava o gado para suprir parte das necessidades básicas do dia-a-dia.

É... Não... Era pro consumo e a gente vendia pra cobrir outros negócios, pagar uma prestação de alguma conta né, e aqui aculá<sup>8</sup> gente... gente faiz os negócio da gente né, vamo supor, é mesmo assim vender pra ajudá na despesa de casa né, pra num deixá faltar e agente num passar necessidade de algumas coisa né. (Israel Seixas de Souza, 2017).

Ele ainda descreve o manejo que tem com sua criação de gado, os cuidados que se deve ter com os animais no dia a dia e também as dificuldades que se encontra com a criação.

É o manejo do dia a dia do gado é o seguinte, é que não somos todos que são igual né, mais eu mesmo, eu de manhã pegava meu gado do curral levava pro cercado né, se num tivesse água no local, meio dia tinha qui ir pegá pá da água. Quondo dava lá pra umas três hora da tarde trazia de novo pra dá água de novo né, e observano né, si via algum com sintoma de doença né, se não tudo bem, agora si visse aí agente curria atrais logo o mais rápido possível pra medicá<sup>9</sup>, pá num perder o animal né. O cuidado qui agente tem quanto mais cuidado melhor com a criação né. (Israel Seixas de Souza, 2017).

Segundo Israel, assim que ele iniciou sua criação de gado ele teve uma boa renda e mais tranquilidade, pois além da renda ele pôde ficar mais tempo próximo da sua

---

<sup>8</sup> Vide Glossário.

<sup>9</sup> Vide Glossário.

família, por que antes ele passava muito tempo fora trabalhando no corte da cana de açúcar nas usinas em outros estados. Mas nos últimos anos foi tornando-se inviável manter a criação de gado devido à diminuição das chuvas.

Eu crio gado desde 2005, aí agente vinha criando tudo bem né, a renda tava sendo boa, mais aí agente foi criando, aumentando e visando o tempo né, mais aí o tempo foi arruinando, as pastage foi cabano, aí o quê qui agente imaginou né, eu falei pra gente viver sofreno, trabaiando demais e vê as criação não ir em frente, aí falei sabe de uma, eu vou deixar, dá um tempo, eu vou vendê e deixá né. Inclusive agente cria ainda né, mais é pôquim né, diminuí a quantidade né e tamo aí briquitano<sup>10</sup>. Pramim a dificuldade maior foi a chuva... foi a chuva né, porque a gente sempre ficava naquela né de ficar saindo pras usinas trabaiano né, e aí... daí pra cá que eu cumecei essa criação de gado foi um destaque mais pramim porque eu fiquei mais tempo em casa com a família né... aí eu achava com o quê envolvê e tinha o serviço modo eu fazer né, então hoje, por causa da falta da chuva agente tai né tentando criá, mais só qui num vai por causa do tempo né, aí então a falta da chuva deixou muito agente parado assim né. A gente continua fazendo o serviço, mais agente é fazendo e tomando prejuízo né, porque a falta da chuva foi um período muito longo né, e condo chove, chove pouco né. (Israel Seixas de Souza, 2017).

Quando Israel fala sobre a medicação dos animais, ele não se refere somente da medicação de uso veterinário, mas também da medicação caseira que é muito utilizada pelas pessoas nas aldeias. Não é comum o acompanhamento veterinário dentro das aldeias, geralmente a medicação dos animais se dá por conta própria dos donos dos animais que vão até uma farmácia, compram os medicamentos e seguem a indicação do vendedor ou de outros criadores que já conhecem o medicamento e que já tenham usado em algum animal do seu rebanho ou mesmo pelo conhecimento adquirido com a lida com o gado no dia a dia. Às vezes muitos animais são curados de algumas enfermidades apenas com cuidados e medicação caseiras feitas pelos próprios donos dos animais, seguindo as orientações passadas pelas pessoas mais velhas e são seguidas até os dias atuais.

A medicação caseira a qual me refiro são feitas a base de plantas, na qual pode se usar a casca, as sementes ou até as folhas na preparação da medicação. Há outros casos também em que não entra somente a medicação e sim outros conhecimentos que algumas pessoas dominam que é a cura através de orações ou benzimentos. Nesses

---

<sup>10</sup> Vide Glossário.

casos em que se faz a cura através de benzimentos não há necessidade, em alguns casos, que o benzedor tenha contato com o animal, às vezes o benzimento é feito a distância, ou através dos rastros ou pegadas deixadas pelo animal doente por onde passa. Alguns benzedores têm o dom de fazer com que criadores possam encontrar animais perdidos dando-lhe a localização ou mesmo de fazê-lo aparecer e voltar ao rebanho sem a necessidade de o dono ir atrás buscá-lo ou mesmo de perder tempo o procurando.

O único acompanhamento presente e obrigatório estabelecido pelo IMA (Instituto Mineiro Agropecuário) é o da vacinação contra a febre aftosa e de outra doença chamada Brucelose. No caso da Brucelose que vacinam as bezerras com idade de seis meses a um ano de idade, esse em alguns casos tem acompanhamento veterinário, mas geralmente quem faz a vacinação é uma pessoa capacitada pelo IMA para vacinar e carimbar as novilhas. Já a vacina contra a febre aftosa são os próprios criadores quem ficam responsáveis em fazê-la. No geral quem faz todo tipo de acompanhamento do rebanho, desde a vacinação, medicação, suplementação e todo manejo necessário são os próprios criadores. Nas campanhas de vacinação da febre aftosa dos rebanhos bovinos na nossa região, que acontecem nos meses de maio e novembro, os criadores apenas recebem a carta de exigência para vacinação do rebanho e todo o resto do manejo o próprio dono fica incumbido de fazer. É normal acontecer de um criador auxiliar o outro nessas ocasiões.

A atividade pecuária no nosso território envolve até as crianças que aprendem desde cedo a lidar com os bichos. É muito comum as crianças ajudarem os pais nessa tarefa diária de cuidar dos animais. No mesmo tempo que as crianças trabalham ajudando os pais elas aprendem e até se divertem com os animais. O hábito das crianças ajudarem não é uma atividade forçada e sim de convivência e aprendizado.



**Figura 2** - Crianças tocando animais para dar água. Aldeia Santa Cruz. Foto: arquivo pessoal. Ano 2017.



**Figura 3**- Criança com carroça carregando leite. Aldeia São Domingos. Foto: Arquivo pessoal. Ano 2018.

Segundo José Lopo Santana (conhecido como Zé porquinho), um dos criadores de gado da aldeia Santa Cruz, o manejo com o gado começa desde cedo e percorre por todo o dia principalmente nas épocas secas do ano. Quando não tem água dentro das mangas de pasto para os animais é necessário tirar o rebanho e tocar até onde tiver água mais próxima disponível para os animais beberem e depois retornarem com os animais ao pasto. Isso faz com que os animais sintam muito. Esse manejo estressa os bichos levando inclusive vacas a perderem bezerros na fase inicial da gestação. O José Lopo

tem 46 anos de idade e começou a criar gado em 1998. Antes disso ele trabalhava no corte de cana de açúcar no estado do Mato Grosso. Segundo ele, trabalhou cinco anos diretos no corte de cana e investiu o dinheiro que ganhou na compra de gado para criar. Atualmente seu plantel é de 125 animais incluindo machos e fêmeas de todas as idades, mas já teve mais que isso. Há dois anos ele vendeu 70 vacas paridas de uma só vez para diminuir o rebanho por conta do extenso período seco que dizimou grande parte das pastagens em nossa região.

A maioria dos animais do seu plantel é da raça nelore que é a raça predominante no Território Indígena Xakriabá destinada ao corte, ou seja, a produção de carne. Outra parte, em menor quantidade é para produção de leite. Atualmente ele possui 18 vacas em lactação produzindo em média de 70 a 100 litros de leite por dia. Segundo o José Lopo, isso porque estamos no período seco e as vacas estão alimentando quase que somente de ração porque as pastagens estão secas, mas no período chuvoso essa mesma quantidade de vacas chega a produzir 180 litros/dia. Com o leite que produz ele faz queijos, parte dos queijos é para o consumo próprio e outra maior parte para comercializar.



**Figura 4** - Produção de leite. Aldeia São Domingos. Foto: arquivo pessoal. Ano 2018.

O José Lopo conta com a ajuda de seus dois filhos e de um funcionário para cuidar do seu rebanho. Seu plantel de vacas leiteiras é formado por vacas meio sangue nelore e holandês, ou seja, é um cruzamento entre as duas raças. De acordo com José Lopo, sua produção de leite rende em média trinta mil reais por ano. A sua produção de bezerros atualmente entre machos e fêmeas é de cerca de 40 a 50 cabeças/ano. Os

bezerras machos são para o comércio e geram em média 25 mil reais por ano. As bezerras fêmeas ficam no plantel para criar. Além da criação de gado, José Lopo cria porco e galinha o que também entra no complemento da renda.

Para a lida com o gado também se torna necessário criar alguns cavalos. Todo criador de gado por menor que seja é indispensável ter ao menos um cavalo para auxiliar no manejo do rebanho. O cavalo, além de meio de transporte pode ser tido como uma fonte de renda já que o mesmo também pode ser comercializado. No nosso território não é mais tão comum o comércio de cavalos, mas é bastante comum as pessoas terem esse animal como meio de transporte.



**Figura 5** - Cavalos para auxiliar no manejo do gado. Aldeia São Domingos. Foto: arquivo pessoal. Ano 2018.

O nosso território encontra-se todo dividido por cercas que delimitam propriedades nas quais grandes partes estão destinadas às áreas de pastagens e criação de gado.



**Figura 6** - Áreas cercadas. Fonte: arquivo pessoal. Ano 2017.

Uma das principais fontes de renda do nosso povo é a criação de gado, porém, isso tem feito com que grande parte da vegetação natural do nosso território fosse perdida para a formação de pastagens. Segundo as informações fornecidas pelo Dr. Jose Carlos Mendes da Silva (CRMV 7-1469) médico veterinário chefe do escritório seccional do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) do município de Itacarambi - MG, responsável pela fiscalização do rebanho bovino em todo o Município de São João das Missões, o rebanho atual de bovinos dentro do Território da Reserva Indígena Xakriabá, incluindo a Reserva indígena de Rancharia é de 6.530 (seis mil quinhentos e trinta) cabeças de gado, sendo que a raça predominante é nelore ou nelorado, ou seja, mestiço. Esse número pode ser maior, já que são contabilizados apenas os animais que são registrados no Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA). Porém, existem muitos animais fora desse censo, ou seja, que não há registro no IMA.





**Figura 7** - Manga de pastagens na aldeia Itapicuru. Foto: arquivo pessoal. Ano 2017.

De acordo com o chefe do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), antes do período de seca que ocorreu entre os anos de 2012 e 2016 o rebanho somava 9.338 (nove mil e trezentos e trinta e oito) animais. Portanto, houve uma redução de aproximadamente 30% do rebanho em todo o Território Xakriabá. Ainda de acordo com informações fornecidas pelo Dr. José Carlos chefe do escritório seccional do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) do município de Itacarambi, o mesmo afirma que a meteorologia aponta que o período chuvoso na região vai normalizar, com isso há a expectativa de que haverá recuperação das pastagens e, conseqüentemente, a criação de gado voltará ao normal podendo até aumentar, já que a atividade é rentável e tradicional na região, não só na reserva indígena, mas em todo o município de São João das Missões.



**Figura 8** - Manga de pastagens na aldeia Itapicuru. Foto: arquivo pessoal. Ano 2017.



**Figura 9** - Manga de pastagens - aldeia Morro Falhado. Foto: arquivo pessoal. Ano 2018.

Mesmo com a redução durante o período seco o rebanho bovino do nosso território ainda representa 55% do total de bovinos em todo o município de São João das Missões.

Segundo informações fornecidas pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER-MG), 79,5% da população do município reside no meio rural. A economia do município é oriunda das atividades agropecuárias, tais como: bovinocultura de leite e corte, avicultura, suinocultura, piscicultura e o cultivo de milho, feijão, cana de açúcar, hortaliças e mandioca. O município é banhado pelo Rio Itacarambuzinho, que tem sua nascente dentro do território Xakriabá e fornece ao nosso município água para uso doméstico e agropecuário. Dentro do município a maioria dos agricultores não possui sistema de irrigação com pivotes ou microaspersores. Ainda de acordo com informações da EMATER o município de São de João das Missões tem uma expectativa anual de renda oriunda da atividade pecuária calculada em torno de R\$ 4.010.000,00. A Bovinocultura ocupa o 1º lugar com estimativa de R\$3.400.000,00. Em segundo lugar a avicultura caipira com R\$ 450.000,00, seguida pela suinocultura com renda anual estimada em R\$ 160.000,00.

A EMATER estima que há 700 criadores de gado no município, sendo que a maioria se encontra na reserva Indígena Xakriabá. Aproximadamente 80%, sendo estes agricultores familiares, criando gado apenas para subsistência, com um número muito reduzido por proprietários. Segundo a EMATER, em outras épocas a agricultura (tomate, feijão, milho, mandioca e cana de açúcar) gerava maior parte da renda do município, mas devido às irregularidades nos períodos chuvosos, estas atividades foram

reduzidas e a pecuária ganhou espaço, tornando se a principal fonte de renda dos produtores locais.



**Figura 10** - Gado no território Xakriabá – Aldeia São Domingos. Foto: arquivo pessoal. Foto 2018.

O impacto da criação de gado no nosso território é visível, pois grandes áreas de matas foram derrubadas para a formação de pastagens. Isso se torna mais notável devido ao baixo índice de chuvas que a nossa região tem enfrentado nos últimos anos. Desde 2012, o nosso território tem tido uma baixa no índice pluviométrico e com isso em muitas áreas de pastagens acabaram restando apenas áreas desmatadas com poucas ou sem nenhuma vegetação.



**Figura 11** - Área onde havia pastagem na aldeia Itacarambuzinho. Foto: arquivo pessoal. Ano 2017.



**Figura 12**- Área desmatada, aldeia Morro Falhado. Foto: arquivo pessoal. Ano 2017.

Em algumas dessas áreas, onde antes foi desmatada para formar pastagens, hoje a natureza está voltando a repor a vegetação, mas com muita dificuldade.



**Figura 13** - Área desmatada em recuperação. Foto: arquivo pessoal. Ano 2017.

Devido ao longo período de seca que nossa região vem sofrendo, cerca de 60% (dados não oficiais) das pastagens foram dizimadas fazendo com que esses locais, onde antes eram mangas de pasto, ficassem com pouca ou sem nenhuma vegetação e pisoteados pelos animais, tornando o solo improdutivo e facilitando o desenvolvimento de erosões. Mesmo com todo esse impacto negativo que a pecuária apresenta, seria inegável dizer que ela também não trouxe impactos positivos, já que boa parte das pessoas em nosso território tem como principal fonte de renda para o sustento familiar a criação de gado. Os fins não justificam os meios, já que todos os nossos atos contra o meio ambiente geram danos à natureza e quem paga a conta a médio e longo prazo são os próprios seres humanos, à medida que os impactos vão gerando efeitos irreversíveis. E isso já é perceptível, pois a diminuição das chuvas, o aumento da temperatura no ambiente, a diminuição das águas em nossa região podem ser associadas aos impactos ambientais.

Porém, há uma preocupação de grande parte das pessoas em nosso território, em especial dos próprios criadores de gado de que o desmatamento está trazendo impactos negativos. Em entrevista que tive com alguns criadores pude perceber que algumas dessas pessoas não têm mais a intenção de desmatar novas áreas de matas para formação de pastagens e sim recuperar e manter apenas as pastagens existentes.

Não, eu acho que isso aí na minha visão, eu acho que num compensa, e como eu num faço, já fiz mais hoje eu num faço mais né, nem que deus dá um bom tempo pra nós eu num faço. Num desmato mais não, porque é... têm muita dificuldade hoje

pro cê arrumar uma mata que tem madeira pro cê tirá uma madeira pra fazer uma cerca né, já ta difícil né, então meu foco hoje é cuidá do que já ta feito né, permanecer só naquilo e num desmatar né. A floresta ta acabano né, questão de fogo né, e a falta da chuva né. (Israel Seixas de Souza, 2017).

Nós Xakriabá somos um povo de muita garra e muita luta e apesar de ter um baixo índice de chuvas em nossa região não desistimos, não desanimamos e mantemos a esperança de que o bom tempo vai vir. E é com essa esperança que todo ano preparamos nossas roças na expectativa de termos uma boa colheita e também de recuperarmos pastagens que foram perdidas e manter a criação de gado que auxiliam no sustento do dia a dia. Apesar de que alguns criadores acham que no atual momento a criação de gado não está tão lucrativa devido ao baixo índice de chuva. Para manter a criação com o tempo seco tem que comprar ração, sal e minerais e isso gera um gasto alto para manter a criação, encarecendo a produção dos bezerros enquanto o retorno esperado está sendo baixo.

O ano de 2018 iniciou com o índice pluviométrico bem acima dos anos anteriores, mesmo não tendo registros formais do índice pluviométrico isso se torna visível aos olhos daqueles lidam diariamente com as atividades rurais, do cultivo da terra para subsistência por meio da agricultura ou da pecuária. Isso fez com que os criadores de gado voltassem a investir na atividade pecuária e na recuperação e formação de pastagem. O ano de 2018 parece ser um ano promissor para os criadores de gado do município de São João das Missões, incluindo a Terra Indígena Xakriabá, já que o ano iniciou com chuvas regulares. Nos meses de janeiro a março de 2018 choveu bem mais que nos mesmos meses dos anos anteriores. Parte dos criadores de gado obteve uma boa recuperação das pastagens que havia praticamente perdido nos anos de 2015 ao início de 2017. Essa recuperação não se dá de forma imediata e sim de forma gradativa, mas já aumenta a esperança de criadores que haviam diminuído o número de animais do seu plantel devido ao longo período seco dos últimos anos. A recuperação das pastagens significa que os criadores vão manter suas atividades e sinaliza um possível aumento na criação do gado local.

O norte de Minas Gerais a cada ano tem apresentado características de regiões semiáridas. Percebe-se uma enorme irregularidade da precipitação, característica comum as que ocorrem em parte da região Nordeste do Brasil. Por meio de pesquisas e levantamentos é possível que o governo local estabeleça medidas preventivas contra o impacto da seca nos períodos mais críticos do ano. Tecnologias como barragens

subterrâneas, cisterna calçada e telhadão são tecnologias sociais largamente utilizadas no semiárido, sendo alternativas para a convivência com a seca nos períodos mais críticos do ano. Nota-se que estas tecnologias alternativas já estão sendo empregadas em nosso território e vem contribuindo para que nosso povo supere as dificuldades, atravessando o longo período de seca que tem assolado nossa região. Projetos comunitários e associações locais têm buscado cada vez mais parcerias que contribuam com a superação da seca e que auxiliem as pessoas a buscarem alternativas auto-sustentáveis para continuarem produzindo de forma mais consciente de acordo com as condições que o meio ambiente local oferece.

Com relação à pecuária concluo que ela inegavelmente tem gerado grandes impactos naturais que ainda podem ser reversíveis e superados em longo prazo. Porém, deixar de praticar a atividade pecuária em nosso território não seria a melhor solução, pois a mesma tem sido e continua sendo a única fonte de renda para muitas famílias. Eu pessoalmente não condeno a pecuária em nosso território pelos impactos negativos que ela tem causado, prefiro vê-la de um ângulo positivo pelo benefício que ela tem trazido às famílias que não tem outra forma de sustento se não a criação do gado para subsistência. O que se deve buscar a partir de então, são alternativas que visam uma convivência pacífica entre o homem, a pecuária e a natureza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Eu quis aqui neste trabalho mostrar um pouco da realidade do povo Xakriabá sobre uma questão que é bastante comum e pouco discutida de uma forma geral pelo nosso povo. O Tema *Pecuária: Histórico e reflexões sobre os impactos gerados pela atividade no Território Indígena Xakriabá* nunca antes havia sido abordado por um estudante indígena ou mesmo por outras pessoas do nosso Território, apesar de ter se tornado uma prática comum nas comunidades indígenas Xakriabá. Portanto, foi um assunto fácil de ser abordado, mas que exigiu ao mesmo tempo muita atenção, devido a se tratar de assunto polêmico, principalmente, em Terras Indígenas.

No geral a pecuária é vista pelos ambientalistas como vilã que se apresenta contra o meio ambiente, e nós indígenas como povos nativos que sempre defendemos e dependemos dos recursos naturais e principalmente das florestas para o sustento e a sobrevivência seria, pela lógica, inadmissível nos tornarmos criadores de gado, já que esta atividade exige o desmatamento para a produção de pastagens. Mas diferente do que os grandes pecuaristas que se apresentam e vêm no agronegócio um viés econômico em expansão para o Brasil e fazem de tudo para que o nosso país se torne uma potência no setor pecuário, nós indígenas, pelo menos até o momento, vemos a pecuária apenas como um meio de complementação de renda para o sustento familiar, o que não vai de encontro ao pensamento dos grandes ruralistas.

A defesa do meio ambiente e, principalmente, o combate ao desmatamento sempre foi e continua sendo umas das bandeiras de luta dos povos indígenas. Acredito que o tema pecuária deve ser um assunto muito discutido nos Territórios Indígenas atualmente e futuramente não apenas pela importância financeira que ela evidentemente pode proporcionar, mas para conscientizarmos de que devemos buscar alternativas que visam uma convivência pacífica entre o homem, a pecuária e a natureza. Não devemos colocar em primeiro plano a sua importância econômica, devemos considerar o bem maior que está com valor acima de qualquer moeda: a natureza, o meio ambiente. Do ponto de vista dos mais velhos o desmatamento está associado à criação de gado, a produção de pastagens, portanto é importante que nós indígenas aprendamos a cuidar cada vez mais da natureza.

Esse trabalho é muito importante não somente pelo que aprendi sobre as experiências de cada um, mas pelo conhecimento que cada entrevistado possui. Os



anciãos Xakriabá são o que chamamos de Livros Vivos, pois carregam consigo conhecimentos que só podem ser transmitidos por meio da oralidade e da convivência constante com os mesmos. É um privilégio para mim ser Xakriabá e poder compartilhar dos conhecimentos que cada membro desta etnia possui. Somos um povo que não foge da lua e que estamos sempre em busca das nossas conquistas. Espero que esse trabalho não pare por aqui e que outras pessoas possam dar continuidade a novos trabalhos e que este possa servir de base complementar para novas pesquisas.

## BIBLIOGRAFIA

---

- AKATU. **Se nada for feito, norte de Minas Gerais pode virar deserto em 20 anos.** 2011. Disponível em: <<https://www.akatu.org.br/noticia/se-nada-for-feito-norte-de-minas-gerais-pode- virar-deserto-em-20-anos/>>. Acesso em: 23 jan. 2019.
- ALMEIDA, R. H. (2006). Xakriabá – cultura, história, demandas e planos. **Revista de estudos e Pesquisas**, 3(1/2), pp. 9-39.
- PGTA - Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Xakriabá e Xakriabá/Rancharia. **BRA/13/019 – Implementação da PNGATI. Acordo de subvenção nº 33153/2015 Pnud/Funai/Anaí.** Salvador, 2016.39.p.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010:** população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas. 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- TAVARES, G. **Os mártires de São João das Missões.** 2011. Disponível em: <<https://www.saojoaodasmissoes.blogspot.com/2011/03/05martires-de-são-joão-das-missões.html>>. Acesso em 19 dez. 2018.
- WIKIPEDIA. **São João das Missões.** 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Jo%C3%A3o\\_das\\_Miss%C3%B5es](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_das_Miss%C3%B5es)>. Acesso em: 2 dez. 2018.

## ANEXOS

---

---

### 1. ENTREVISTADOS

---



Entrevistado 01: José Fiúza da  
Silva, 66 anos - Liderança da  
aldeia Itapicuru

Entrevistado 02: Israel Seixas de  
Souza, 37 anos - morador da  
aldeia Santa Cruz



Entrevistado 03: José Lopo  
Santana, 46 anos - morador da  
aldeia Santa Cruz

---

## 2. GLOSSÁRIO

---

**Aculá:** ali; lugar perto.

**Briquitano\*:** pelejando; tentando; fazendo o possível.

**Desembocadura:** foz; ponto onde um rio deságua no mar, num lago ou noutro rio.

**Manga de pasto:** lugar cercado onde se plantam capim para os animais.

**Medicá:** dar medicamentos; fazer um remédio.

**Própis:** próprio.

**Tributário:** afluente; curso de água que deságua noutro.

**Tabuleiro:** lugar arenoso onde se encontra várias árvores baixas e galhos contorcidos.

**Virge:** virgem; sem uso.

---

## 3. DADOS SOBRE A POPULAÇÃO INDÍGENA

---

População indígena com indicação das 15 etnias com maior número de indígenas, por localização do domicílio - Brasil - 2010

| Número de ordem | Total           |           | Nas Terras Indígenas |           | Fora das Terras Indígenas |           |
|-----------------|-----------------|-----------|----------------------|-----------|---------------------------|-----------|
|                 | Nome da etnia   | População | Nome da etnia        | População | Nome da etnia             | População |
| 1               | Tikúna          | 46 045    | Tikúna               | 39 349    | Terena                    | 9 626     |
| 2               | Guarani Kaiow á | 43 401    | Guarani Kaiow á      | 35 276    | Baré                      | 9 016     |
| 3               | Kaingang        | 37 470    | Kaingang             | 31 814    | Guarani Kaiow á           | 8 125     |
| 4               | Makuxí          | 28 912    | Makuxí               | 22 568    | Múra                      | 7 769     |
| 5               | Terena          | 28 845    | Yanomámi             | 20 604    | Guarani                   | 6 937     |
| 6               | Tenetehara      | 24 428    | Tenetehara           | 19 955    | Tikúna                    | 6 696     |
| 7               | Yanomámi        | 21 982    | Terena               | 19 219    | Pataxó                    | 6 381     |
| 8               | Potiguara       | 20 554    | Xavante              | 15 953    | Makuxí                    | 6 344     |
| 9               | Xavante         | 19 259    | Potiguara            | 15 240    | Kokama                    | 5 976     |
| 10              | Pataxó          | 13 588    | Sateré-Maw é         | 11 060    | Tupinambá                 | 5 715     |
| 11              | Sateré-Maw é    | 13 310    | Mundurukú            | 8 845     | Kaingang                  | 5 656     |
| 12              | Mundurukú       | 13 103    | Kayapó               | 8 580     | Potiguara                 | 5 314     |
| 13              | Múra            | 12 479    | Wapixana             | 8 133     | Xucuru                    | 4 963     |
| 14              | Xucuru          | 12 471    | Xacriabá             | 7 760     | Tenetehara                | 4 473     |
| 15              | Baré            | 11 990    | Xucuru               | 7 508     | Atikum                    | 4 273     |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

População indígena e distribuição percentual, por localização do domicílio e condição de indígena, segundo as Grandes Regiões - 2010

| Grandes Regiões | População indígena e distribuição percentual |  |                |               |                          |
|-----------------|--|--|----------------|---------------|--------------------------|
|                 | Total  | Localização do domicílio                         |                |               |                          |
|                 |  | Terras indígenas                                 |                |               | Fora de terras indígenas |
|                 |  | Condição de indígena                             |                |               |                          |
| Total           | Declararam-se indígenas                      | Não se declararam, mas se consideravam indígenas |                |               |                          |
| <b>Brasil</b>   | <b>896 917</b>                               | <b>517 383</b>                                   | <b>438 429</b> | <b>78 954</b> | <b>379 534</b>           |
| Norte           | 342 838                                      | 251 891  | 214 928        | 36 963        | 90 946                   |
| Nordeste        | 232 739                                      | 106 142  | 82 094         | 24 048        | 126 597                  |
| Sudeste         | 99 137                                       | 15 904   | 14 727         | 1 177         | 83 233                   |
| Sul             | 78 773                                       | 39 427   | 35 599         | 3 828         | 39 346                   |
| Centro-Oeste    | 143 432                                      | 104 019  | 91 081         | 12 938        | 39 413                   |
| <b>Brasil</b>   | <b>100,0</b>                                 | <b>100,0</b>                                     | <b>100,0</b>   | <b>100,0</b>  | <b>100,0</b>             |
| Norte           | 38,2   | 48,7   | 49,0           | 46,8          | 24,0                     |
| Nordeste        | 25,9   | 20,5   | 18,7           | 30,5          | 33,4                     |
| Sudeste         | 11,1   | 3,1  | 3,4            | 1,5           | 21,9                     |
| Sul             | 8,8  | 7,6  | 8,1            | 4,8           | 10,4                     |
| Centro-Oeste    | 16,0   | 20,1   | 20,8           | 16,4          | 10,4                     |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.